



CRÍTICA | NÚCLEO DE PRODUÇÃO

Atravessamentos

O mar se estendendo vagaroso para as pedras tentando tocar uma mulher que caminha com seus pés descalços a vontade em cima delas, o vento zombando do mar, porque consegue tocar em seus cabelos e balançar seu vestido vermelho. Essa mulher que exala seu poder, sua força e sua liberdade ao mundo, o farol, uma força que guia, acolhe e indica a direção e três homens alheios ao maravilhoso acontecimento de uma mulher em liberdade.

Essas poucas palavras não fazem jus a esse grande espetáculo movido por essas forças da natureza, mas podem introduzir um pouco dos sentimentos vistos pelos olhos do espectador, porque o que foi sentido perpassa os sentidos físicos humanos. Por isso essa mulher, entidade que conversa e seduz o mar com movimentos delicados, mas cheios de força, força essa que advém de todo o sentimento de pertencer àquele corpo, das promessas que deixou para trás e das realizações e dificuldades que enfrentou. Clécia Senna moldou seus sentimentos e fragmentos de sua história com os sentimentos e as histórias do próprio mar, tramando no final uma grande rede de ligação entre ela e o mar, um seduziu o outro em grande risco de se perder a si mesmos, mas com a confiança nessa incrível conexão.

Vemos em atravessamentos uma dança composta por dois elementos, os ventos e o mar. Água e ar. A dançarina se solta entre as ruínas que traçam caminho da Praia da Concha até o farol da cidade de Itacaré, em maré baixa conseguimos fazer esse atravessamento até esta ponta da costa. Mas o que chama atenção é essa relação entre o movimento das ondas e do corpo que atravessa esse caminho.

Clécia chama as águas para compor essa coreografia assim como o vento puxa o mar enquanto ondas que quebram nas rochas. Vejo o vermelho do vestido como a representação do sangue, que esquenta com todo esse movimento, também como uma associação ao corte, ao naipe de espadas, o vento corta as águas produzindo uma sonoridade eterna, o som das ondas.

A dançarina pertence ao espaço que se encontra, ela vibra em tons fortes a luz que vem do farol e ilumina os navegantes, ela é também a conexão entre ar e oceano, o movimento fluido mas preciso que nos faz enxergar o sagrado nos mistérios das ondas.

Bahia, março de 2021.

Jéssica Andrade, Beatriz Amiê e Jaana Rocha